

Assinalou-se pela occupação de varios póstos fortificados no Reconcavo e pela proteção aos engenhos por uma esquadilha de barcos armados.

D. MARCOS TEIXEIRA. Era já bastante idoso quando, em 1618, exerceu, na Baía, as funções de inquisidor e visitador do Santo Officio, comissionado por d. Fernando Martins Mascarenhas, bispo-inquisidor geral dos reinos e senhorios de Portugal.

Fôra arcediago e inquisidor em Evora e, depois, membro da Mesa de Consciencia e Ordens. Era licenciado.

Partiu em 1622 para assumir o bispado do Brasil e chegou á cidade do Salvador com próspera viagem. Dirigiu a resistencia contra os Holandeses e, exaustos pelos trabalhos, faleceu a 8 de Outubro de 1624.

D. FADRIQUE DE TOLEDO OSORIO — Fadrique e não Fradique, pois se assinava *Fadrique*; foi o comandante supremo de terra e mar da esquadra libertadora da Baía em 1625, composta de duas armadas: uma portuguesa e outra espanhola. A primeira sob a chefia do almirante d. Francisco de Almeida, tendo por general d. Manuel de Menezes; e a segunda sob o comando de d. João Fajardo de Guevara.

PONTO 8ª — LIÇÃO 24ª

OS HOLANDESES EM PERNAMBUCO; SEGUNDA INVASÃO E OCUPAÇÃO. GUERRILHAS

De 1625 a 1627 tentou o almirante Pictet Heyn apoderar-se da pequena cidade da Vitória, na capitania de Espirito-Santo, foi, porém, repellido por fôrças do Rio de Janeiro sob o comando de Salvador Corrêa de Sá, limitando-se á pilhagem no porto e

reconcavo da Baía, afrontando a artilharia dos fortes e apresando algumas embarcações.

Em Setembro de 1628, Heyn capturou a famosa esquadra da prata, que produziu cerca de 14 milhões de florins, ou seja o dôbro do capital inicial da *Companhia das Indias Ocidentais*, compensando assim o prejuizo que trouxe á Holanda a restauração da Baía.

Graças a isto, poudé armar e equipar durante o ano de 1629 uma segunda expedição, mais forte que a primeira, e acometer em 1630 a capitania de Pernambuco.

Compunha-se essa armada, sob o comando do almirante Pieter Adriaanszoon, de mais de 60 navios, de 200 a 500 toneladas, montados de 1.100 canhões e guarnecida com perto de 8.000 homens, de tropas de terra e mar, chefiados pelos generais Hendrik Corneliszoon Lonck, e Diederik van Waendenburch.

Vinha provida de todo o necessario á fundação de um novo dominio politico e social holandês no Brasil: materiais para fortificações de guerra e para construção de predios, estabelecimentos de fábricas, provisões de manufatura; pessoal para funções públicas, artifices operarios, agentes de comércio, e especuladores de toda a ordem.

Tinham, pois, a certeza de conquistar Pernambuco.

Avisada pêla infanta Isabel, filha de Felipe II, governante da Holanda, dos preparativos e planos das Provincias Unidas, limitou-se a côrte de Madrid a fornecer ao capitão-mór de Pernambuco, Mathias de Albuquerque, então na Espanha, o ridiculo auxilio de 3 caravelas e 27 soldados.

O sargento-mór Pedro Corrêa da Gama, encontrou em Pernambuco algumas obras de defeza, construindo trincheiras em redor de Olinda, uma paliçada de paus a pique no Recife, alguns redutos e o

forte, que não ficou pronto, chamado de *Diogo Paes*, que os Holandeses depois concluíram, dando-lhe o nome de *Bruyn*, de que, por corruptela, ficou sendo denominado do *Brum*; levantou ainda uma trincheira á margem direita do rio Tapado.

Em 14 de Fevereiro de 1630 surgiu em Olinda a esquadra invasora, desembarcando no Pau Amarelo as tropas de Waendenburch.

A cidade de Olinda captulou, não obstante desesperada resistencia.

Em seguida tomaram Recife, que encontraram deserto, tendo a população partido para o interior.

Mathias de Albuquerque mandára pôr fogo aos trapiches para obstar que as partidas de assucar, no valor de quatro milhões de cruzados, caissem em poder dos atacantes.

Como sucedera na Baía, a reacção consistiu no sistema de emboscadas e guerrilhas.

O capitão-mór Mathias de Albuquerque fez cavar trincheiras e dirigiu as obras do arraial fortificado do Bom-Jesus que, situado a meio caminho entre Olinda e Recife, foi o toque de rebate do nativismo brasileiro, representado nos tres tipos de raças coloniais — branca, negra e vermelha.

O arraial do Bom-Jesus hostilizou os Holandeses com suas refregas e assaltos memoraveis contra as fortalezas de Recife.

Mathias de Albuquerque tirou grande partido desse sistema de guerrilhas, baseado na audacia e na astucia, aliadas ao perfeito conhecimento das vantagens estrategicas da topografia do novo campo de batalha. Armou companhias de emboscadas, em que se celebrizou o mamaluco Domingos Fernandes Calabar, natural de Porto Calvo, (Alagoas).

De 1630 a 1632, não lograram os Holandeses sair de estreita faixa litoranea do Recife, onde se viram acantonados, pois tiveram de abandonar Olinda.

Verificou-se, entretanto, a deserção de Calabar, (20 de Abril de 1632), que é o fato principal do primeiro periodo de lutas; e, sem isso, os Flamengos não se teriam assenhoreado por quasi um quartel de seculo da terra pernambucana.

Como perfeito conhecedor dos mais escusos meandros do teatro da luta, fez-se assim Calabar para os de Holanda uma conquista mais preciosa que a da propria Olinda e do Recife; por isso buscaram atraí-lo, deram-lhe honras e dinheiro e um lugar de destaque nas sessões do seu Conselho. Nada mais praticaram em operações de guerra sem previamente ouvi-lo.

Guiados pelo mamaluco que lhes garantiu, além da perfida estrategia, a aliança de poderosos caciques, entraram os invasores, que desconheciam por completo a região, a apoderar-se de Itamaracá, do Rio Grande do Norte e de Paraíba e até mesmo a forçarem o general Mathias de Albuquerque a evacuar o arraial do Bom Jesus e a retirar-se para Alagoas; onde já se achava Bagnolo (*Bagnoli* pronunciado no dialeto napolitano — *Bagnolo*, segundo Rodolfo Garcia).

Calabar, que se encontrava em Porto Calvo, fazendo parte da coluna de Alexandre Picard, caiu emfim prisioneiro do exército retirante, e pagou na forca seu crime, (19 de Julho) que hoje alguns historiografos procuram atenuar.

Com a retirada de Mathias de Albuquerque, consolidou-se a occupação holandesa de parte de Pernambuco e regiões limitrofes.

Prosseguiram, porém, as guerrilhas por parte dos *Independentes*, denominação que tomaram as forças reunidas por Mathias de Albuquerque.

A 3 de Julho de 1635, haviam se retirado de Serinhaem, escoltando um bando de perto de oito mil pessoas entre homens, muitas familias abastadas com

seus escravos, gado, animais domesticos, mulheres e crianças.

A' vanguarda marcharam através das florestas os indios de Camarão, por batedores, sendo a retaguarda guardada por cerca de 80, e os flancos pelos guerreiros tambem de Mathias de Albuquerque.

Em Novembro desse ano, aportou a Alagôas uma esquadra espanhola com perto de dous mil soldados sob o comando de d. Luis de Rojas y Borja, nomeado para substituto de Albuquerque no comando das tropas.

Partiu este para o reino onde foi recolhido prêso ao castelo de São Jorge em Lisbôa, e só em 1640, readquiriu a liberdade, por ocasião da Restauração de Portugal.

D. Luis de Rojas y Borja retomou a ofensiva, mas caiu morto na primeira batalha de *Mata Redonda*, de 18 de Janeiro de 1636, travada contra Artichofski.

Foi substituido por Bagnolo, que resolveu tornar ao sistema das guerrilhas, no qual se distinguiram por atos de bravura Manuel Dias Andrade, Sebastião Souto, d. Antonio Felipe Camarão, Francisco Rebello, o *Rebellinho*, o negro Henrique Dias e Estevam de Tavora.

Em Janeiro de 1637, chegou finalmente a Pernambuco o novo governador do Brasil — Holandês principe João Mauricio de Nassau, que trouxe consigo a missão scientifica e artistica, da qual faziam parte Piso, Marcgrav, os dois Post, Pieter e Franz que estudaram a natureza e os costumes da região invadida pelos Holandeses, construíram edificios e pintaram aspectos pernambucanos, além das decorações de casas e estabelecimentos.

QUADRO SINOTICO

Em 1628, o almirante Pieterzoon Heyn, após haver tentado em vão apoderar-se da cidade da Victoria (Espírito Santo), capturou a famosa *esquadra da prata*, o que produziu 14 milhões de florins.

Com esse produto foi armada e equipada a segunda expedição holandesa contra Pernambuco (1630), de mais de 60 navios, 1.100 bocas de fogo e cerca de oito mil homens, trazendo por almirante Pieter Adriaanszoon, general Corneliszoon Lonk e governador militar van Waendenburch, provida de todo o necessario, operarios, materiais para a construção da nova colonia que pretendiam fundar no Brasil.

Waendenburch desembarcou com suas tropas no Páo Amarelo.

Olinda e Recife capitularam dentro em pouco.

Mathias de Albuquerque mandou pôr fogo aos trapiches para evitar que as partidas de assucar, no valor de quatro milhões de cruzados, caissem em poder do inimigo.

A reacção, como ocorrera na Baía, consistiu no sistema de guerrilhas.

Mathias de Albuquerque construiu entre Olinda e Recife o arraial fortificado do *Bom Jesus* para onde se retirou com os habitantes da região invadida.

De 1630 a 1632, não lograram os Holandeses sair da estreita faixa litoranea do Recife onde se viram abandonados, pois tiveram de evacuar Olinda.

A deserção do mamaluco Calabar, natural de Porto Calvo, (20 de Abril de 1632) e que alguns historiografos procuram atenuar, veio mudar a fase da luta. Guiados pelo traidor, os Holandeses conseguiram apoderar-se de Itamaracá, Rio Grande do Norte, Paraíba, e forçaram mesmo Albuquerque a

abandonar o arraial de Bom Jesus e a retirar-se para Alagôas, onde já se achava Bagnolo.

A 19 de Julho, Calabar caiu, porém, prisioneiro, e foi enforcado.

Finalmente, em Novembro de 1635, aportou a Alagôas a esquadra espanhola de d. Rojas y Borja com dois mil homens; e Mathias de Albuquerque por aquele substituído, teve ordem de embarcar para a Europa, onde foi recolhido preso ao castelo de São Jorge, em Lisboa. Sua prisão durou até a Restauração de Portugal em 1640. Rojas y Borja, que caiu morto na batalha de *Mata Redonda* (18 de Janeiro de 1636) contra Artichofski, teve por substituto ao conde de Bagnolo.

Em 1637, chegou o príncipe Mauricio de Nassau, mandado para governar o Brasil Holandês até 1644.

PONTO 8º — 25ª LIÇÃO

ADMINISTRAÇÃO DE MAURICIO DE NASSAU

Eis, em rápida síntese, a obra administrativa de Mauricio de Nassau no Brasil, a qual abrange mais de sete anos (1637-1644):

Precisou logo regularizar os negócios políticos e de provêr á defesa militar da região conquistada, ocupando-se após da administração civil.

O problema imigratorio atraiu-o desde que pêla primeira vez descortinou o fértil vale do São Francisco, levando-o a pedir ao governo de Haia que lhe mandasse colonos em quantidade, “mesmo que fossem galês”.

Mas o primeiro trabalho que teve foi de aspecto moral e contra seus próprios patricios, cuja corrupção, sobretudo a luxúria e a ganancia, era extrema